

MUSEU : BIBLIOTECA

Folha para Hemeroteca

Cl:

Data publicação

30/12/87

Diário Grande ABC:
Coluna Memória

Assunto:

Ademir MEDICI

Vida e morte do Cine Max



O Cine Max, enquanto durou, viveu grandes temporadas e grandes dramas, sempre com dignidade, ele que foi chamado de a segunda maior tela da América do Sul, perdendo apenas para a do Cine República em São Paulo. Sua história confunde-se com os grandes momentos de São Caetano a partir do início da década de 40 e até o final do ano passado, quando encerrou atividades. O cinema dignificou a célebre avenida Francisco Matarazzo.

Logo no início, um incidente. Era 14 de setembro de 1942, o cinema nem tinha nome, nem havia sido inaugurado, quando ocorreu o desabamento do telhado do salão de projeções, resultando na queda parcial da parede lateral direita e total da lateral esquerda. Que salão! Media 26 por 40m. As obras foram reiniciadas e a inauguração ocorreu em 20 de outubro de 1943, com a

exibição de *Sonhando de Olhos Abertos*, com Danny Kaye.

O nome Max foi em alusão às iniciais de seu proprietário, Maximiliano Lorenzini. O engenheiro responsável foi Angelo Filisetti. São Caetano, naquele 43, tinha cerca de 20 mil habitantes e o cinema um espaço para 2.500 assistentes. Uma loucura, diziam. Mas a TV, que não existia, por isso mesmo não atrapalhou. A tela, de 24 por 12 m, era o cinemascopo em pessoa. O sucesso foi total.

A crise maior foi em 1976. Chegou a ser anunciada a última atração, o filme *Operação Dragão*, em 25 de janeiro daquele ano. O cinema vivia o drama de desapropriação parcial. A coisa rolou na Justiça e o cinema voltou a funcionar em julho de 1977, para cerrar as portas em 1986. Definitivamente?

Mafalda Sprinter Cassela, filha de Maximiliano, é a memória viva não só do Cine Max como de outros cinemas de São Caetano. O período dos grandes encontros e das grandes descobertas das pessoas dentro e fora destas casas de espetáculos. A foto é de janeiro de 1943.

Reprodução: Vânia DELPOIO

